

A Reforma não terminou: Tradição, Modernidade, Cultura e Contracultura a partir de um estudo de caso

Reformation did not end: Tradition, Modernity, Culture and Counterculture from a case study

Fábio Augusto Darius

Resumo

O presente trabalho aborda, desde uma perspectiva histórica, um desdobramento tardio do processo iniciado pelo grande Reformador. Especificamente, três séculos depois de seus inícios na Alemanha, os Estados Unidos vivenciaram aquilo que Harold Bloom chamou de "America Originals", a saber, o nascimento de religiões estadunidenses com características próprias, geralmente associadas a ideologia daquele país, mas com elementos profundamente destoantes, como alguns preceitos adotados pelos adventistas do sétimo dia – uma das denominações estudadas pelo citado autor. Ellen White, uma das fundadoras desta igreja, estava ciente de seu papel de continuadora da reforma, ainda que sob outros aspectos, ao afirmar que a "reforma não terminou com Lutero, como muitos supõem. Ela haverá de prosseguir até a conclusão da história terrestre". O trabalho abordará, secundariamente, através de pesquisa bibliográfica, os fundamentos desta denominação depois de sua instauração (passado o turbulento período inicial). De forma prioritária, analisará as reformas implementadas por Ellen White e sua relação com o protestantismo e cultura.

Palavras-chave: Adventismo. Ellen White. Reforma.

Abstract

This paper discusses, from a historical perspective, a late offshoot of the process initiated by the great Reformer. Specifically, three centuries after its beginnings in Germany, the United States experienced what Harold Bloom called "America Originals", the birth of American religions with its own characteristics, generally associated with the ideology of the country, but with deeply dissonant elements as some principles adopted by the Seventh-day Adventists - one of the names studied by that author. Ellen White, one of the founders of this church, was aware of his role of continuer of the reform, although in other respects, by stating that "reform does not end with Luther, as many suppose. She will be continuing until the end of earth's history." The work will address, secondarily, through literature, the fundamentals of this name after its introduction (past the turbulent initial period). As a priority, examine the reforms implemented by Ellen White and her relationship with Protestantism and culture.

Keywords: Adventism. Ellen White. Reformation.

Considerações Iniciais

As páginas que compõem o pequeno texto a seguir, muito longe de constituírem um trabalho caudaloso, têm o objetivo de, sob certos aspectos, trazer à luz tão somente os pontos mais importantes da abordagem oral que se deu no contexto do evento proposto. Assim, prepara-se, neste momento, artigo para compor futura edição da Protestantismo em Revista, se por bem assim achar pertinente a comissão que a forma. Isso posto, espero que o resumo não frustrasse eventuais leitores, ao não encontrarem nas linhas que o precedem as eventuais questões mais minuciosamente explicadas.

Para compor este pequeno *paper* sob as perspectivas acima dispostas, julguei necessário, a título explicativo, traçar em linhas bem gerais certos elementos clássicos da vida e obra de Ellen White, com o mínimo de notas ou referências possíveis, mantendo o texto claro e sucinto. Ato contínuo, a questão de Ellen White em relação a Reforma e a “reforma”, ou, em outras palavras, como ela percebia a Reforma e sob quais focos ela mesma propôs reformas distintas foi levantado. Finalmente, e para concluir, de qual reforma ou Reforma Ellen White é continuadora afinal? Sob este esboço, eis que se segue o texto.

Ellen Gould Harmon White, nascida em Gorham, Maine, em 1827, foi uma prolífica escritora e co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, doravante IASD. De família metodista, ela posteriormente tornou-se adepta do movimento de Guilherme Miller, um fazendeiro batista que pregava acerca da breve e literal volta de Cristo para o ano de 1843 e depois 1844. White escreveu centenas de cartas, artigos e livros que ainda hoje são lidos ou relativamente conhecidos por 18 milhões de membros adventistas do sétimo dia em todos os continentes. Isso torna a referida igreja a quinta maior comunidade cristã do mundo¹.

A IASD possui, grosso modo, algumas características peculiares e distintas do cristianismo majoritário, em relação a certas importantes porções de suas crenças fundamentais. Talvez não seja exagero dizer que o adventismo, embora absolutamente penetrante e relevante hoje, dadas as devidas proporções, oscile, metaforicamente, entre os

¹ ZYLSTRA, Sarah Eekhoff. The Season of Adventists: Can Ben Carson’s church stay separatist amid booming growth? **Christianity Today**, 22 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/ct/2015/januaryfebruary/season-of-adventists-can-ben-carson-church-stay-separatist.html>. Acessado em 04 de out 2016.

antigos anabatistas² e os valdenses, ou seja, grupos não conformados com o *status quo* político-religioso e, precisamente por conta disso, marginalizados sob certos aspectos.

Sob essa premissa - que certamente carece de maiores explicações - para os adventistas, a Reforma efetivamente não terminou, o que não deve causar estranheza aos protestantes, que desde o Sínodo de Dort, a partir do famoso dito de Voetius, o termo *Ecclesia semper reformanda* evoca com grande eloquência. Contudo, sob exatamente qual sentido ou sentidos essa reforma deve ser efetuada e constantemente pensada? A “intransigência” adventista talvez possa ser percebida a partir da proposta de resolução desta questão. Deve-se voltar aos seus inícios e à gênese mais fundamental e norteadora do pensamento whiteano para prosseguimento desta busca, genuína e certamente vicejada de sentido.

A ecumenicidade incipiente da Igreja Adventista do Sétimo Dia

A IASD nasceu a partir do caos instaurado pelo desapontamento millerita. Afinal, Cristo não voltou em 1844, mais de cento e setenta anos atrás. Não voltou sequer espiritualmente, como alguns propuseram, mas dificilmente explicaram. Dos grupos adventistas iniciais, o majoritário, aquele que leva o nome Adventistas do Sétimo Dia nasceu efetivamente de um movimento ecumênico. Membros das mais diversas denominações cristãs - posteriormente até mesmo um padre católico romano ingressaria em suas fileiras - a constituíram e para ela trouxeram as mais distintas perspectivas acerca do mundo visível e vindouro, desde uma imagética muito rica pois que diversa e multicultural. Nada realmente constituiria um dogma pois qualquer pressuposição deveria surgir apenas após aprofundado estudo bíblico, “puro”, sem sistemas anteriores, sem o aval de teólogos e sem aportes gregos ou hebraicos, podendo ser posteriormente alterado em parte ou no todo. Eis aí a verdade presente - a luz contemporânea que deve nortear a vida dos prosélitos que, não necessariamente norteou homens e mulheres do passado. Sob essa premissa, responde-se sem maiores problemas porque Martim Lutero não foi um guardador do Sábado do sétimo dia, em pleno século XVI, por exemplo. A resposta é bastante simples: isso não fazia parte

² Acerca das origens da denominação e citando explicitamente os anabatistas, introdutoriamente, escreveu Georg Knight um livro. Eis a referência KNIGHT, George R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

das contingências do Reformador, que embora tenha recebido luz suficiente para começar uma Reforma que até hoje se mantém - ainda que de forma distinta da por ele iniciada - não conseguiu perceber questões centrais hoje muito consideradas. Voltarei a este ponto em breve.

A partir de todo esse vivo interesse e de construções práticas, além de observações e correções de outros, surgiu um “núcleo duro”, que distingue a IASD de qualquer outra denominação cristã conhecida. Há várias delas que guardam o Sábado, inclusive de um pôr do Sol até outro e os adventistas do sétimo dia sabem que essa crença fundamental foi herdada dos batistas do sétimo dia, que o faziam quando sequer Guilherme Miller podia ser visto nos púlpitos do norte dos Estados Unidos. As três mensagens angélicas, contidas no livro de Apocalipse e a questão do Santuário Celestial constituem o ponto central e distinto desta igreja. Acerca deste último ponto, uma pergunta pode ser respondida: o que Cristo está fazendo exatamente agora? Entendem os adventistas do sétimo dia que Cristo deixou o lugar santo e adentrou no Santíssimo do Santuário Celestial e neste momento intercede por todos os vivos e julga os mortos e os vivos, que O esperam expectantes.

Tão estranha ao cristianismo majoritário esta perspectiva que várias denominações têm certas dificuldades em classificar os adventistas como cristãos e certos adventistas veem com ressalvas sua denominação classificada como protestante. Para alguns destes, os adventistas do sétimo dia são cristãos adventistas do sétimo dia, sem tomar parte integrante em nenhum movimento protestante, porque todos eles abandonaram seu espírito reformador. Esses que assim consideram, visualizam a igreja citada como um movimento profético, que ao trazer precisamente as mensagens angélicas, dão o último aviso dos céus para um mundo que perece, não se conformando a qualquer estatuto.

Porém, percebendo Ellen White oriunda do seio metodista e seu esposo, James, da Conexão Cristã, fica um tanto difícil perceber a IASD como contendo uma proposta absolutamente nova ou algo nesse sentido. Os hinos são protestantes, a doxologia também o é e mesmo o “espírito”, no sentido weberiano, não a torna outra coisa. E aqui algo importante deve ser dito: Ellen White se considera uma continuadora da Reforma, ao perceber, através de sonhos e visões, demandas muito importantes para o tempo do fim. Para ela, Lutero foi um grande personagem, digno de estudo e da importância que hoje tem. Ele abriu ao mundo a possibilidade de pensar e viver o cristianismo sem a égide da igreja. Ellen White não se importou em tomar certas porções de Lutero que não se encaixam na

teologia adventista, como por exemplo, o estado do homem na morte e sequer colocou Lutero contra Calvino e vice-versa ou ela contra todos. Sob a luz que recebeu, percebeu todos como colaboradores de uma mesma causa. Contudo, a igreja de Lutero, a de Calvino e mesmo a de Wesley arrefeceram e a Bíblia foi posta de lado.

Nesse sentido, as visões de Ellen White servem como uma reforma no pensamento dualista milenar e a constituição do homem em sua plenitude. Por isso ela insistiu em sua educação integral, em sua forma de se alimentar e mesmo de se vestir. A reforma completa não será terminada na Terra, mas homens e mulheres conscientes podem desde já tomar parte das benesses do céu sob a percepção que o corpo efetivamente é o templo do Espírito. Assim, ela tratou de, pragmaticamente, aconselhar o maior número possível de pessoas sobre a importância dessa transformação.

Obviamente que ontem e hoje ainda resiste o perigo das linhas perfeccionistas dentro do adventismo, enquanto ainda deve persistir protestantes que talvez inconscientemente “creiam” na graça barata. São perigos que devem ser lidados ainda hoje. O equilíbrio, em nossos tempos conturbados, não é algo tão fácil de se encontrar.

Considerações Finais

As reformas implementadas por Ellen White não são senão continuidades explícitas, porém específicas, daquelas iniciais, nos primórdios do século XVI. Quando falei, ainda no título, de tradição, lembrava daquela dos reformadores do século XVII, ou seja, da teologia “pura” através das Escrituras, no mais puro estilo “valdense” de ser. Em relação a modernidade, a própria noção de encantamento e desencantamento deve ser levado em conta. A Igreja Adventista do Sétimo Dia contém uma instigante mensagem de reavivamento e reforma, sob a pena de Ellen White principalmente, que convida a esta volta ao texto sagrado com o intuito de resgatar no ser humano seu encantamento e plenitude. Eis, talvez, o real significado de suas reformas, que incluem, segundo alguns, de forma intransigente, a perspectiva sabática de descanso dos corpos e da Terra.

Referências

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

ZYLSTRA, Sarah Eekhoff. The Season of Adventists: Can Ben Carson's church stay separatist amid booming growth? **Christianity Today**, 22 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/ct/2015/januaryfebruary/season-of-adventists-can-ben-carson-church-stay-separatist.html>. Acessado em 04 de out 2016.